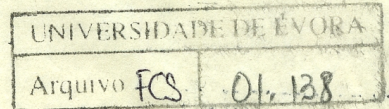


Hic JACET

←
ernesto lara, o filho
apartado 100



NOVA - LISBOA, isto é,

Huambo, 15/3/61

MEU BOM AMIGO



Cruz e Seixas

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

1955/56 — Não se verificaram diferenças signi-
ficativas entre as épocas de preparação da terra, no con-
junto das profundidades de laroma. No conjunto das épo-
cas verifica-se que o método indígena é significativamen-
te superior às laromas pouco profundas (10 cm) não
diferindo das feitas a 25 centímetros.

A interação entre Épocas e Profundidades é
significativa devido ao facto de a preparação da terra
pelo método indígena provocar maiores produções
quando efectuada em Maio do que em Outubro
enquanto que nos outros dois métodos de preparação
do solo se verifica o contrário.

(De um relatório técnico)

Um abraço do
LARA FILHO



CRUZ EIRO SEIXAS
 UNIVERSIDADE
 (DE ÉVORA TOR.)
 Caixa Postal 890

LUANDA

VIA AEREA
 PAR AVION
 BY AIR MAIL

ERNESTO LARA FILHO
Caixa Postal 100

HUAMBO



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA



Bilhete Carta-Avião
- Aérogramme -



{ 40h.

CROZEIRO Seixas (Pintor)
Museum de Angola

UNIVERSIDADE DE EVORA

ARQUIVO ICS 01 138 01

LVANDA

LITO MAIA-PORTUGAL

UNIVERSIDADE DE EVORA



REMETENTE: Luís Filipe Seixas
Arquitectura e Urbanismo

Hnila, 26/8/61

Escreve só para te dizer
que não tenho tempo para te
escrever.

— "É então é difícil ser-se Homem?"
— É sim, meu filho, e poucos
solventem!!!"

Hemingway (alguns)

Andei pelos Bata-Bata, Jai, Brucos,
Tchiriquiros, Hnila, Capelongo, Quiquyo,
Ceconda. Estou cansado que nem
te posso dizer mais nada. O Rafael
Carboso - (pinto) tem andado emi-
so. Supletano-vo.

Um abraço de
M. Filho



P.S. Esta noite vou ver o filme
"O vagabundo de Montparnasse"
em o Gérard Philippe sobre o
André Gide - avec o Carboso.

[Signature]

Ernesto Lara Filho
Caixa Postal Nº1357
Nova-Lisboa

① Quatro

UNIVERSIDADE DE EVORA
Arquivo FCS 01.138.02

Huambo, aos 17 de Setembro de 1961

MEU KARO CRUZEIRO SEIXAS:

Tive há dias necessidade de pintar. Perguntei a dois ou três "bacóces" da nossa praça, qual seria a melhor maneira de começar. O melhor conselho veio-me de escrivão - o "Senhor Garcêz" - que me disse que comprasse uma caixa de lápis de côr, daqueles com molhando água fica aguarela. Assim fiz.

Houve, como é óbvio um primeiro deslumbramento. Depois comecei a fazer dois trabalhos por dia. Póde ser que daí a 35 anos eu consiga ter algo de geito. E continuei. Tenho algumas dificuldades de caracter técnico e por isso venho-te escrever para me orientares. Tem paciência.

Vão três quadros.^o O primeiro é uma tentativa de representar o milho como eu o estou habituado a ver. Há um céu azul, um fundo verde, que pretende representar a vegetação de fundo e um chão amarelado. No centro, o pé de milho.

O segundo é uma experiência com cores. No entanto resolvi chamar-lhe "Retrato do Senhor Governador Geral Venâncio Deslandes. Pensei que sou o primeiro artista angolano a retratá-lo. Apenas tive uma idéia: experimentar cores. Gostei muito daquêles - cor de tijolo. Fiquei emocionado! O azul também. O conjunto verde-azul-tijolo, é o meu preferido. Cromatismo? Eu sei lá. Disto não percebo nada. Comecei apenas - o que já considero um grande passo em frente.

O retrato do meu Pai - é o terceiro que te mando. Como não consegui resolver o problema nariz-bóca-queixo, queria que me explicasses como hei-de fazer. Há um nascer de qualquer coisa em mim, que tenho de aproveitar. Desculpa se me torne chate. Neste panorama de ignorantes natos que me rodeia, vejo-me e desejo-me para não partir o focinho a quem se riu destas três coisas - que afinal foram a totalidade dos que o viram. O meu Pai, porém gostou. Ache que "apanhei" a expressão. Tu conhece-lo e podes dizer. Para primeiro retrato - embora esboço e estudo "inachevé" como diz o Roberto Silva - acho muito regular.

Esta manhã ao lavar os dentes, coisa que faço frequentemente, gostei muito da minha escóva azul celeste, da pasta Binaca e do cope amarelo. Trouxe para o escritório de meu Tio - domingo é onde me recolho a trabalhar, para que se não riam de mim - e fiz essa salsada. Confesso que dos quatro trabalhos que te mando para analisares, considero o mais fraco. Mas é tudo começo. Em princípio não gosto das cores dos lápis. Não me satisfazem. Não são "exactas". Podes arranjar-me um conselho em matéria de aguarela? Quero "aquelas" cores. Onde as há? Peço-te como um autêntico naufrago que me escrevas a responder. Se não me mandas um escaler carregado de conselhos em forma de carta, eu sou capaz de morrer neste mar de mediocridade onde me atolo presentemente. Estou cada vez mais neura, com intermitências de alcool. Entretanto estou procurando adquirir uma cerâmica dum indígena aqui que te mandarei. Sei que gostarás. Escreve-me pelo amor de Deus e devolve-me os "bonécos". Nisto de pintar eu vinha sentindo há muito tempo necessidade. Mas estou cheio de medo. Medo do bom, do puro, daquele, digo daquele que faz a gente berrar-se todo. Se

começo a

esta é a segunda página

UNIVERSIDADE DE EVORA
Arquivo *ES 01.138.02*

começo a pintar, adeus menino da minha Mãe. Estou a tentar agora aproveitar a terra para pintar. Há cores, nos buracos dos perfis que faço nos reconhecimentos agrológicos - tem de se cavar sempre dois metros de chão em profundidade! pura e simplesmente notáveis. Que eu conhecia das minhas reminiscências de toupeira. Bem vou terminar, o que quero é conselhos. Largos, profundos e Amigos. Se te procure, bem sabes porque é. É a parte telúrica - tu és de Minho, não és? - e como o meu Pai veio de lá, senti a ligação por barco ou avião de torna-viagem definitivamente feita. Desculpa sou parvo e chato. Mas dá lá essa esmola a quem precisa. A César o que é de César. Ou melhor: a H. César o que é de H. César.

- - -

Vou terminar tranquilamente e desabafei trepidantemente. Fala-me em tintas, como devo recomeçar, em que papel devo pintar - este cavalinho é mesmo cavalhar, porque encolhe como gente grande! - e depois eu te agradecerei.

Dá abraços meus aquelas estatuetas que estavam no subterrâneo do Museu a estragarem-se. Diz-lhes que as adoro. Para ti vai o abraço amigo de Ernesto Amigo e Chato como futuro pintor que se préza.

Ernesto Lara Filho
UNIVERSIDADE DE EVORA

P.S. Andei a fugir disto. Mas veio-me a doença e que queres que eu faça? Que deixe de pintar? Pintar, ainda não, esgravatar. Sinto-me a galinha da pintura angolana futura. Forte abraço e dedicado

Ernesto

Ernesto Lara Filho
Caixa Postal Nº1357

Nova-Lisboa



UNIVERSIDADE
Ex. Senhor
CRUZ EIROSTIXAS

Pintor

Ao cuidado do Museu de Angola
em

LUANDA

01.138.02

FOR AVIAR
PAR AVIAR
BY AIR MAIL

George 4943 Castelo



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA



Ernesto Lara Filho
Caixa Postal Nº1357
Nova-Lisboa

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo FCS	01.138.03

Huambo e Outubro, 21 de 1961

Caríssimo

Sim era um apêlo. Ainda bem que o sentiste. E a tua carta foi aquela corda que eu necessitava. Estava quase a afogar-me. E quando um homem se está a afogar, até às âncoras se agarra. Assim dizia Zaratustra.

Quanto a políticas essa é a minha opinião. Escrevo portanto para te dizer que quando mal nunca pior. E que não tenho nada. Vai o meu primeiro filho pelo correio. Chama-se "Picada de Marimondo". É o nº2 da Coleção Bailundo. Robusto, nasceu imperfeito, mas é meu filho e os nossos filhos, podem ter um olho a menos que são sempre bonitos. O indivíduo mesmo que nasça aleijado tem lugar certo e determinado entre a Família. Posição cristã.

Gostei muito da tua carta, porque eu PRECISAVA DELA. Mande-te um apêlo, devolves-me uma solução, um caminho. Ainda bem que há Homens. Ainda e apesar de tudo. Ouve lá, tu és minhoto? Se és confere. Se não és, também confere. Devias sê-lo. Promovo-te a isso. Para te enquadrares no panorama angular. Há sempre um enquadramento quando um homem TEM.

Escreve-me sempre que puderes. São pepitas de ouro que estás a dar a um pobre. Claro, o pobre não entende as pepitas de ouro. Só compreende pedaços de pão. É isso. Migalhas. Manda algumas pelos próximos correios.

Os meus pintados continuam. Aluguei uma "casa amarela" aqui em Nova-Lisboa. Dorme na mesma um preto que "trabalha o ano inteiro de cromador" na sua bizarra expressão que é um lindo verso. Convidei dois ou três Amigos-para me visitarem. Repartirem comigo a minha pobreza feita de riquezas. O Roberto Silva. O Mário António. Outros. Tu estás na primeira linha. Se quizeres vir cá ouvir belas canções do folclore indígena, vem. Tens casa, comida e roupa lavada e poderás rir à gargalhada. Hoje e sempre comigo a boa disposição aparente. Sim, o retrato do G.G. necessitava mais sangue. Coloquei sangue, não viste. O vermelho desbotado das acácias era sangue. Aliás era a cor que predominava.

Do meu Pai, só te digo que é isso mesmo. Extraordinário como sentiste! Estas coisas são assim. Biológicas. Que hei-de fazer se tenho tentado e não consigo libertar-me delas? Queria que meu Pai morresse para eu ser livre. Como outros países. Mas o Pai não morre e a verdade é que eu não tenho coragem para o matar. Se êle morrêsse havia sempre a solução-montepio que me permitiria emigrar. Assim, fixo-me no tradicional fatalismo da raça e vou ficando... à espera. Mas gosto muito dele. Não posso esperar muito mais tempo. Tenho que ir pelos meus caminhos. E isso é quase a vitória. Mas estou na encruzilhada, só e parado como um jumento perplexo. Isso é o que me sinto. Um burro cansado e desiludido, perante novas estradas. Regressar ao primitivismo? Estou a tentar. Tenho uma rapariga preta que me visita diariamente. Danço com ela belas rebitas. Bebo "chissângua". Vou comendo onde calha e gastando o que não tenho. Ao Sábado faço como os operários pretos do Caminho de Ferro. Danço até de madrugada. Vejo nas-

CER O SOL NA SENZALA! É belo e estarrece. Voltei para a infância. E digo-te, ainda é onde se está melhor. É na infância.

Há realmente qualquer coisa de extraordinário neste amor aos Pais. Pois claro, não póde ser outra coisa. Mas a minha posição agora é a tua. Eu é que estou em posição de SER PAI DELES.

Mas quem compreende isto? É tão simples que ninguém vê.

Estou a ir às raízes, à terra, ao silêncio. Mas é muito difícil, sózinho e bibliotecário, sózinho e regente agrícola, sózinho e poeta, sózinho e jornalista. Por mais que um homem ande, não deve andar sózinho. Deve ter companhia na caminhada. E essa companhia me é negada porque eu estou a andar muito depressa e os outros não aguentam a passada. Porquê? Talvez falta de preparação física. Depois quando páro e encontro alguém ao meu lado que surgiu misteriosamente, fico tão contente. Que é isso que te escrevo.

Há uma canção aqui dos negros de Huambo que conta a história de uma negra. O refrain é: "Só Romeu, muêlé wáchimola - O Senhor Romeu é que viu. Os coros perguntam: Quem foi, quem foi que viu? E o Romeu, que tem uma quitanda de venda de pirão no mercado municipal responde - Foi o Só Romeu que viu.

A mulher é uma prostituta negra. Ele conta a sua história tem uma autêntica máscara, o violão, os dedos e a sua voz fanhosa contam que:

Vou à Alta - Denda co Arta - Ako Ducinga - ela lá está. Vou à Baixa - Denda co baixa - ako ducinga - Vou à baixa - ela também lá está.

Depois diz que ao passar na praça a vê todos os dias de pé como um poste. Conta que ela usa muitos saíótes. Que é preta. Que é preta. Que é preta.

E termina assim a bela canção:

Quando morrer vai num caixóte.

Tudo em umbundo. Tudo cheio de expressão. Tudo cheio de ritmo.

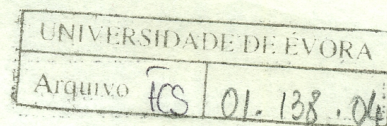
Vou terminar é Sábado e quero convergir sobre um baile que há em casa do Senhor Bartolomeu, que me convidou (afinal os brancos ainda vêm aos nossos bailes...) e é até de madrugada.

Bem hajás pela tua carta e na próxima
fala-me no meu filho - o livro de poemas
Picada de Marimbondo. Diz se está aceitável.

Um vólho abraço do Amigo

Trusts have fills

Ernesto Lara Filho
Praceta João Azevedo Coutinho Nº6-1º-Esq.
LISBOA



Lisboa, 14 de Dezembro de 1961

Meu "Karo" Cruzeiro Seixas:

A tua carta procurou-me em Nova-Lisboa, nas Áfricas. Não me encontrou em nenhum dos bares da cidade e "chateada" foi de combóio ao Lépi. Ali, os meus Pais "chutaram-me" para aqui. Como vim a Lisboa ver como paravam as módas, ela cá me encontrou na minha morada antiga - a casa da tradição, a casa das tias velhas. Velhas e Amigas, como só sabem ser as minhas tias.

Quanto ao meu livro que recebêste, tens razão na dedicatória. Mas vamos a ver se explico a dedicatória: O Nº1 da Colecção foi apreendido. O Nº2 tinha que se afirmar - a minha poesia. O livro era apenas necessário. Tive que ser assim. Transigi um metro. E dediquei o livro ao Adriano, para que ele pudesse sair. Porque a Censura tinha-o cortado, como cortou um dos poemas. Mais precisamente, o poema "Angola". Vejamos o que é melhor: **acabar a colecção, morrer a colecção**, ou ceder um metro, isto é uma dedicatória, e **ela continuar?** Tudo o que é parar é morrer. E a colecção e o Lara ainda não pararam. A falta de um avalista, de um avalista, era absoluta. Transigi. Pela reacção operada nas hostes como a tua - as independentes e as esquerdistas - vejo que errei. Ganhei porém noutra ponta. Nos moderados, nos tolerantes, nos católicos, nos direitos. E depois, poesia não é política. Nem chouriços. Eu tenho o direito de dedicar os meus livros a quem eu quizer. Se quizer dedicar ao Hitler, ao Mussolini, ao Cardeal Cerejeira "lui-même" quem me póde impedir de eu ser o Lara inteiro e desvairado como um tufão, integral e irreverente como um pardal destes telhados lisboetas? Olha, está um dia de sol, Inverno entrado e bonito como só Lisboa. Passeio por estas alamedas das frondosas e bebo copos de vinho branco delicioso nas tascas da Baixa por \$50 cada. Que me importa que não tenham gostado da dedicatória ou que ela tenha tratado mal os meus poemas? Um dia - como já hoje - eles serão lidos por meninos de Liceu. É isso apenas o que eu quero. Que meninos leiam os poemas e gostem deles. O Adriano Moreira é como a Caixa Postal. Está à entrada ou no fim do livro e do Império. Eu não sei mais nada a não ser que te tenho a Amizade Profunda que te dedico. Sim, nada a tenho a ver com o Adriano Moreira. Mas a tua opinião é uma coisa que me interessa e que me aguça a minha maneira de ser. Não quero nem preciso que a tua opinião seja diferente. É assim. Nem posso extrair a dedicatória que foi apenas e simplesmente uma transigência para permitir que a colecção continuasse com vida. Vivendo. Ela viverá. Transigências.

E o que é melhor? Parar ou continuar?

A poesia é perigo de vida? Não acho. A poesia é vida. É poética a carta ao Ferreira da Costa de África e não é poética a "Picada de Marimondo"? Evidente exagero na tua carta. Pode ser mais poética. Uma e outra são poesia. E ela a poesia é como os quilogramas. Póde pesar mais ou menos. O quilograma de um comerciante do mato, pesava no meu tempo, entre 850 a 900 gramas. Daí os pretos dizerem muitas vezes: "Patrão, hoje não vendê mais, porque os balança está cansa-

esta é a segunda parte

UNIVERSIDADE DE EVORA
Arquivo fes 01.38.04

do"! Claro, era na fase dos 850 gramas, ao escurecer, pela tarde. Ora a poesia póde pesar integralmente um quilo e ter 850 gramas. Continua a ser poesia, embora não o seja inteira. O Adriano Moreira entra na minha poesia, porque em tempos o conheci, quando era advogado de presos políticos e ia para a cadeia por defender presos políticos adversários do regime.

Mas deixemos isso. O que temos a dizer vale sempre a pena. Pertença talvez aquêles a quem um poeta francês chamou de "les jeunes gens enragés" e continuam a dizer o que têm a dizer mesmo que não possam dizer tudo o que tenham a dizer. Pode-se dizer parte. Pode-se não dizer nada. Eu prefiro dizer parte. Disse parte na minha mensagem. Disse parte no meu jornalismo. Disse parte nos meus poemas. Vou dizendo pelo menos que tenho algo a dizer. Queres mais do que isto? Queres mais alguma coisa?

Mas tenho pena. Que não compreendam que há cornos e asas como tu dizes. Há sim senhor, e eu tenho-os visto muitas vezes nos meus sonhos. Nos meus dias. Mas não os agarrei. Perpassam e eu não consigo fixá-los. Há uma névoa entre mim e êsses cornos e essas asas. Continuo independente como uma ilha no meio do Mar, independente como aquêles corredor da Volta a Portugal que não corre em equípas mas que chega sempre. E até ganha algumas etapas sózinho. Para quê correr no Benfica ou no Sporting se eu sou biologicamente português? Biologicamente o português é individualista, passe o paradoxo. Eu sou individualista. E assumo a responsabilidade de dedicar os meus poemas ao Adriano Moreira. Que já agradeceu, diga-se de passagem. Que já os leu. É mais uma irreverência minha.

Vejo o que me dizes da exposição do Eduardo Pires Júnior. Ele vendeu-se? Ainda bem. Não te vendeste tu. É suficiente. Não, não quero a água benta do elogio mútuo entre nós. Amizade para mim, também é isto. Falar e explicar. Escrever e silenciar escrevendo ou não silenciar escrevendo. Não queria que tratasses os meus poemas nas palminhas. Queria é que entendesses uma pequena transigência... É que até as putas são transigentes, por vezes. Claro, uma transigência numa mulher honesta, era o fim. Mas numa puta, é normal. Ora eu já deixei talvez de ser uma mulher honesta.

O "lisboeta" e "muito Amigo" Abraço do

^{aquada}
P.S. Aproveito para mandar-te
muito burguesamente o meu
abraço de B. Festos e Ano
NOVO FEIZ e REALIZADO.

Luís Jacó Filho

[Handwritten signature]

P.S. fiz uma interven-
 ção subordinada do
 título - subordinada para
 o estudo de Rossia
 "Apolonia" no dia 30.
 Fui clareada a
 fide e entreguei
 a Nova-Lisboa
 apreendida
 Foto Antunes!

6/2/64

UNIVERSIDADE DE EVORA	
Arquivo FCS	01.138.05

Heu Karo Kruzeiro
 Ceixas

Se pudes - e desculpa tan-
 ta molestia - UNIVERSIDADE DE ÉVORA
 go "L'Apollonia de Apollonia Neto
 e António Jacinto" - inserto na
 "Présence Africaine" que te mostrei.

Toda copiar-me em francês que eu
 te traduzo. tenho imensa falta
 disso. Faze-me esse grande favor,
 sim? E desculpa mais 1 vez.

Vier grande abraço de
 P.S. tive de cortar o postal
 para caber aqui. LARA Filito -

SHELL

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

INAUGURAÇÃO



UM EXEMPLO COMO MUITOS OUTROS, ESTE RECENTE, DO DIA 8 DE FEVEREIRO DE 1964.

INFORMOU-ME, SEM INTUITOS INFORMATIVOS, CLARO ESTA, UM PARAQUEDISTA, QUE HA UNS OITO DIAS O QUARTEL INSTALADO NO PRINCIPIO DA ESTRADA DE CATETE FOI ASSALTADO DE NOITE. ORA ESTE QUARTEL ENCONTRA-SE PRATICAMENTE DENTRO DA CIDADE, E NAO FOI POR TANTO PEQUENO O MEU ESPANTO OU ESPECTATIVA DO QUE IRIA SEGUIR-SE...

PERGUNTO-LHE: MAS POR QUEM?

ELE: POR PRETOS

EU: ERAM ENTAO MUITOS?

ELE: NAO ERAM TRES

EU:

ELE: A SENTINELA DEU UMAS RAJADAS, E A MALTA SAIU TODA DAS CAMARATAS, DE QUALQUER MANEIRA (ERA JA UMA E TAL). OS TIPOS APANHARAM UMA TAREIA DE CINTURÕES, QUE JA NEM SE PODIAM MEXER.

EU: E DEPOIS?

ELE: ESTAO PRESOS LA NO QUARTEL DESDE ESSA ALTURA, PARA CONFESSAREM...

EU: ...CONFESSAREM O QUE?

ELE SEM ME OUVIR: ESTAO A MEIO PAO POR DIA E AGUA SALGADA, E MESMO ASSIM NAO CONFESSAM!

ISTO UM EXEMPLO, NAO JA DA MALDADE HUMANA, NAO JA DA ESTUPIDEZ DIRIGIDA PELOS GRANDES RESPONSAVEIS, MAS APENAS DA FOBIA POLICIAL QUE A TODOS ATACOU. A PEZAR DAS POLICIAS EXISTENTES, QUALQUER SE PODE DAR AO LUXO DE FAZER POLICIA POR CONTA PROPRIA. MATERIA PRIMA NAO FALTA, E ASSIM A COISA E COMUM. ...UM/HOMEM ESTA PRESO HA OITO DIAS, E DA O - LHE PARA BEBER AGUA SALGADA

UNIVERSIDADE DE EVORA	
Arquivo	FCS

2

01.138.05

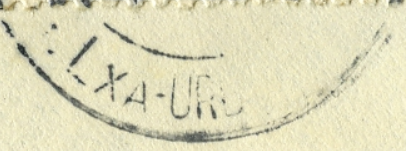
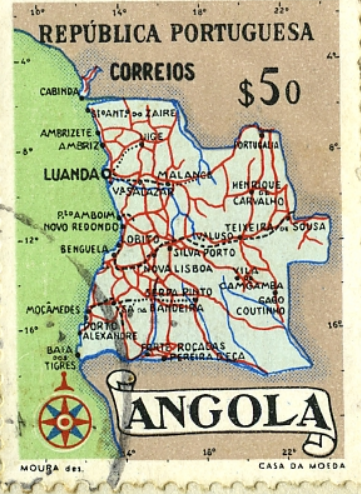
...E ESTA OUTRA "HISTORIA" DE UM OUTRO PARAQUEDISTA UNS DIAS ANTES....

MAS DEVO ESCLARECER QUE ELES E DE UMA MANEIRA GERAL TODA A TROPA ESTA ENERVADISSIMA PELO MEDO PELO QUE ADIVINHAM MAS NAO SABEM OU NAO SE ATREVEM A FORMULAR PELA CONSCIENCIA QUE E CURIOSO AINDA OS ACUSA PELA DISTANCIA A QUE OS POEM OS CIVIS PARTICULARMENTE AS MULHERES, ETC ETC ETC.

A COISA ATINIU TAL CUME QUE UMA GRANDE PARTE DELES DEIXOU DE ESCREVER PARA OS PAIS OU ESCREVEM IRREGULARMENTE POR QUE NAO PODEM SUPORTAR OS SEUS CONSELHOS OS SEUS PONTOS DE VISTA EVIDENTEMENTE ASSENTES EM MENTIROsas INFORMAÇÕES DE TUDO O QUE ELES ESTAO AQUI A PASSAR...

CONTAVA ME ESTE O ULTIMO SERMAO DO PADRE CAPELAO; EM RESUMO, QUE TAO ODIADOS SAO POR TODOS OS PADRES COMO OS PARAQUEDISTAS E POR ISSO TINHAM QUE SE UNIR NA MESMA LUTA.

QUE TENDO SIDO TAO POUCO O QUE PELO NATAL LHE OFERECIU O MOVIMENTO NACIONAL FEMININO ELE PADRE TINHA TENTADO CONSEGUIR OFERTAS NO COMERCIO LOCAL SEM EXITO. QUE A MAIOR PARTE DOS COMERCIANTES LHE DIZIAM QUE PAGAVAM ERA PARA QUE A TROPA SE PUZESSE A ANDAR DAQUI PARA FORA...



AVIAU

Pintor
CRUZ UNIVERSIDADE EXAS
e DE UERDE Angola
em C.P. 1267

AVIAU ESTÁ COM OS PORTUGUESES
A VITÓRIA TAMBÉM

LUANDA

01.138.05

Do poeta
LARA FILHO
C.P. 66
Huambo



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA